

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENÁ EM PEDAGOGIA**

MARIA DILMA SANTOS DE PONTES

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

**JOÃO PESSOA
2015**

MARIA DILMA SANTOS DE PONTES

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia com Aprofundamento na área de Educação Especial.

Orientador: Prof^o. Dr^o Roberto Rondon

JOÃO PESSOA
2015

P814i Pontes, Maria Dilma Santos de.

A importância da leitura literária na formação do pedagogo / Maria
Dilma Santos de Pontes. – João Pessoa: UFPB, 2015.
53f.

Orientador: Roberto Rondon

Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE/SEB

1. Pedagogo – formação. 2. Leitura. 3. Leitura literária. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37-051 (043.2)

MARIA DILMA SANTOS DE PONTES

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia com Aprofundamento na área de Educação Especial.

Monografia aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Dr. Roberto Rondon
Orientador

Profª Ms. Santuza Mônica de França Pereira da Fonseca
Examinadora

Profª Ms. Walquíria Pinto de Carvalho
Examinadora

JOÃO PESSOA
2015

Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção.
Só para viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.
É uma pena que só saiba disso
quem gosta de ler.
Experimente!
Assim sem compromisso,
você vai me entender.
Mergulhe de cabeça
na imaginação!

Clarice Pacheco

AGRADECIMENTOS

Com a conclusão desta Monografia sinto-me no dever em agradecer a todos que me apoiaram como o meu orientador Roberto Rondon, pelas pesquisas, orientação, conselhos e compreensão nas diversas situações, assim como aos meus demais professores e colegas que colaboraram de forma direta e indireta em minha formação.

Agradeço também aos meus familiares pela influência à leitura que tive desde cedo e ao meu esposo por todo o apoio emocional e acadêmico que me foi concedido durante este período.

Agradeço à Escola Piu Piu pela oportunidade em desempenhar meu trabalho de iniciação à docência durante os últimos anos assim como por todas as vezes que precisei me ausentar para concluir os requisitos do curso.

Agradeço a Deus por ter sempre me guiado a seguir este caminho que não foi fácil e nunca desistir de meus objetivos pessoais e acadêmicos.

RESUMO

Neste trabalho, discute-se a importância e as dificuldades do hábito da leitura de um dos principais incentivadores literário: o Pedagogo. O objetivo é discutir a importância da leitura literária como aspecto primordial na construção crítica da formação pessoal refletindo como se dá a presença da leitura na formação que é disponibilizada pela Universidade, visto que o trabalho pedagógico realizado na escola depende de como este profissional foi preparado. Para isto, foi realizado um questionário proposto com trinta alunos concluintes do 9º período do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, campus I, localizado em João Pessoa-PB, no ano de 2015. Os dados encontrados nesta pesquisa nos mostram que o Pedagogo traz uma deficiência literária grande no que concerne à prática da leitura como uma atividade não-obrigatória visando apenas à realização de uma tarefa ou com um fim determinado.

Palavras-chave: Leitura. Formação. Pedagogo.

RESUME

This paper discusses the importance and the habit of reading the difficulties of a major literary supporters: the educator. The aim is to discuss the importance of literary reading as a key aspect in the critical construction personnel training reflecting how does the reading presence in the training that is available from Univerdidade, as the pedagogical work in school depends on how this professional was prepared. For this, we conducted a questionnaire proposed thirty graduating students of the 9th period of the Federal University of Paraíba Education Course, I campus, located in João Pessoa, in the year 2015. The data found in this research show us that the Educator It brings a great literary deficiency regarding the practice of reading as a non-mandatory activity only in order to carry out a task or a particular purpose.

Keywords: Reading. Formação.Pedagogo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DA LEITURA.....	12
3. REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA.....	22
4. A LEITURA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	27
5. A LEITURA NO CURSO DE PEDAGOGIA: O CASO DOS ALUNOS CONCLUINTES DO PERÍODO NOTURNO DA UFPB.....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
7.REFERÊNCIAS.....	50
8. ANEXOS	53

1. INTRODUÇÃO

Dentre as maneiras de explicação da realidade, uma delas faz com que muitas vezes encontremos uma forma até mesmo de “fugir” do que acontece ou “embarcar” em outras situações, outros lugares e com outras pessoas. É isto que nos traz a leitura literária. O leitor, ou seja, “aquele que lê”, consegue se conectar com a história que é lida através de pré-requisitos literários ou até mesmo vividos.

As influências iniciais e que se desenvolvem ao longo do tempo no que concerne ao contato com os livros é que se apresentam como “agentes principais” na relação com a leitura pelo resto da vida. Na maioria das vezes a escola é a principal incentivadora deste processo que se inicia muito antes da alfabetização. Sendo assim, há a preocupação com os seguintes questionamentos: Será que o pedagogo aprecia e faz da leitura uma prática prazerosa? Que tipos de leitura são realizadas no curso de Pedagogia? São estas e outras perguntas que serão respondidas ao longo deste trabalho.

Este trabalho tem por objetivo geral discutir a importância da leitura literária como aspecto primordial na construção crítica da formação pessoal, refletindo como se dá a presença da leitura na formação do pedagogo, visto que o trabalho pedagógico realizado na escola depende de como este profissional foi preparado.

Para isto são necessários os seguintes objetivos específicos: (1) Refletir sobre o papel da leitura literária como formadora e auxiliadora na interpretação da realidade; (2) Compreender a importância da leitura na formação de opinião e senso crítico do professor; (3) Ressaltar o pressuposto da prática literária desde a formação do professor até sua prática pedagógica; (4) Levantar dados que mostram o perfil do universitário como leitor: quantidade de livros lidos, tipos de livros, tempo utilizado.

No primeiro capítulo, faz-se a reflexão sobre o conceito de leitura, de acordo com as diversas perspectivas que a conceituam, compara-se o que alguns autores defendem e reflete-se como a leitura é presente na vida do leitor. Compreende-se a relação existente entre os diferentes gêneros textuais, a importância da literatura na explicação e crítica da realidade.

No segundo capítulo, a parte técnica da leitura é ressaltada e é traçado um perfil do leitor brasileiro desde a leitura iniciada na infância até a prática literária na universidade. Além disto, é frisado como a precarização na formação do docente influi no trabalho pedagógico realizado na escola e direcionado à leitura.

No terceiro capítulo, reflete-se o pressuposto da prática literária e a educação brasileira, onde se discute o papel da família, da Escola e da Universidade na formação do leitor. Programas de incentivo literário são citados assim como o conhecimento de alguns dados provenientes de pesquisas realizadas na área.

No quarto capítulo é realizada a análise dos dados coletados na parte prática deste trabalho. Nesta última fase, analisa-se a prática da leitura com base no material coletado através dos questionários aplicados com alunos concluintes do curso de Pedagogia na UFPB no período noturno. Ao fim desta coleta, incorporaram - se os resultados obtidos com a construção teórica proposta a fim de um resultado reflexivo.

A leitura ajuda a compreender que o mundo pode ser enxergado de outras formas. Interpretar não é ler. Nem todo livro traz contribuição para a formação de alguém. Nem todo aquele que lê é um leitor. Ler é enxergar o verdadeiro sentido ao que se está lendo, fazendo conexão com o contexto em que se vive tornando as experiências vividas e as que a leitura traz uma única experiência. Ler é viajar em um espaço conhecido na imaginação posto contra a realidade. A leitura é incontestavelmente importante na formação pessoal crítica e participativa, contribuindo para a busca de entendimento da realidade e de suas constantes mudanças.

2. AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DA LEITURA

Para compreender a importância da leitura na formação da pessoa é necessário desmistificar seu conceito. Freire trouxe contribuições para a educação em uma época em que poucos sabiam ler, defendendo a leitura na compreensão de mundo, entendimento de si mesmo e do contexto em que se vive, tornando a leitura como uma prática social:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (1987, p.11).

Freire defende a leitura, a alfabetização e a escrita numa perspectiva humanizadora, na qual há inicialmente a leitura de mundo e depois a leitura da palavra levando a uma conexão com a realidade e não a separando, sem esta relação a leitura não terá significado para o leitor. Dialogando com Freire, o pesquisador francês Foucambert (1994) vem defender que a leitura traz questionamentos de mundo, de si mesmo que são traduzidos através da literatura e transcritos pela escrita:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (1994, p.5).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) direcionados aos anos iniciais do Ensino Fundamental trazem a importância de se trabalhar a leitura muito além de uma decodificação de sílabas para que se entenda a linguagem, a escrita e toda uma compreensão de conhecimentos existentes.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos validar no texto suposições feitas (p.68-70).

Infelizmente, ainda existam práticas que confundem a alfabetização (letramento e decodificação) com a admiração pelo mundo imaginário desenvolvido na leitura. Isto se dá pela confusão na cabeça da criança que vê a leitura associada com a necessidade de “acertar” a pronúncia da palavra.

Um grande número de professores e pais acreditam estar avaliando a leitura das crianças quando apenas medem um aspecto muito particular, hipertrofiado pelo ensino e que, na verdade está ausente dos comportamentos de leitura. No entanto, a preocupação com aquilo que se costuma avaliar torna-se por sua vez, o próprio objeto de ensino e impede o desenvolvimento de autênticas estratégias de leitura (idem, p.6).

A partir destes dois conceitos primordiais é necessário traçar uma linha de raciocínio que possui duas vertentes: a primeira defende a leitura como fundamental na compreensão de mundo e de si mesmo, pois através dela podemos nos situar como pessoa sendo um ser pensante na sociedade em que vive e a segunda relaciona a escrita e leitura como forma de decodificação de signos afim de decifrar palavras.

Não se pode afirmar que um conceito está certo e o outro errado, mas os dois se completam e juntos trazem o que se entende sobre a leitura literária. Inicialmente há o reconhecimento de um signo (letra) na decodificação das sílabas formando a palavra e em seguida ocorre a significação do que se leu e é neste momento onde ocorre a conexão com a realidade. Não há leitura sem decodificação e sem a compreensão do que está lendo não há leitura.

Os contos de fadas são assim.
Uma manhã, a gente acorda
E diz: "era só um conto de fadas..."
E a gente sorri de si mesma.
Mas, no fundo, não estamos sorrindo,
Sabemos muito bem que os contos de fadas são a única verdade da vida.

Antoine de Saint-Exupéry

Após desmistificar os conceitos de leitura, é relevante refletir sobre como a leitura traz certa “magia” que é descoberta através da imaginação. O pensamento acima é de um escritor talvez não tão conhecido, mas que tem sua principal obra como uma das mais lidas de todos os tempos, Saint-Exupéry

Iniciando a “vida literária”, a criança tem os primeiros contatos com os livros através da contação de histórias, seja por influência familiar ou escolar. Os gêneros literários mais lidos nesta fase inicial são os contos de fadas e as fábulas nos quais a imaginação é colocada em primeiro plano, assim como as personagens que vivem as mais diversas situações.

A obra *O Pequeno Príncipe* pode ser citada como exemplo desta iniciação literária através dos contos de fadas. O autor deste livro era aviador e morreu um ano após lançá-lo. *O Pequeno Príncipe* traz um enredo atemporal e há quem recomende a necessidade desta leitura ao público adulto, antes ainda do que propriamente às crianças, tornando evidente uma das principais características da literatura é a capacidade de romper a barreira do tempo e do público destinado.

De modo que, em suma “o livro infantil”, se bem que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público. (MEIRELES, 1984, p. 29)

Como citado acima, o livro infantil é direcionado às crianças, mas é elaborado por adultos, ou seja, as perspectivas de destas fases da vida são diferentes. Por isso, a maioria das pessoas que leram *O Pequeno Príncipe* o fez na infância e não imaginavam a complexidade das mensagens que esta história traz. Ao ler/reler essa obra na fase adulta, novos sentidos podem ser enxergados, trazendo assim outros questionamentos.

É ressaltado por Pamuk, (2010, p. 10) que às vezes lemos logicamente; às vezes, com os olhos; às vezes com todas as fibras de nosso ser. Estes dizeres se assemelham a uma citação de Exúpery que diz o seguinte: É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos (1943, p.38).

Sendo uma de suas citações mais conhecidas, a veracidade transmitida através desta frase se eternizou, pois quantas vezes as pessoas ocupadas com suas atividades diárias deixam de perceber o que acontece em sua volta? Isto sem citar as situações que não se “enxerga” com o coração podendo se enganar com os olhos. Talvez seja este um dos motivos que fazem a leitura tão importante: enxergar muito mais do que aquilo que se vê.

Obras literárias como *O Pequeno Príncipe* (citada aqui como exemplo) que se apresentam em prosa/verso trazem diversos aspectos de reflexões filosóficas ao redor do amor e seus sofrimentos; a amizade; a importância da ética; e a responsabilidade sobre aquilo que fazemos e somos.

E como não compreender a importância de uma leitura assim? Há quem o diga que o livro não traz uma reflexão digna de ser considerada literatura. E o que seria a literatura? Por acaso seriam livros que trazem uma saga com vários volumes e que muitas vezes poderiam ser resumidos em apenas um, mas o capitalismo “aumenta” as continuações a fim de lucros almejados a cada lançamento? Infelizmente há quem pense assim.

No entanto, a literatura é muito mais do que se possa descrever. No caso de *O Pequeno Príncipe* é comum encontrarmos quem o leu e mesmo após setenta anos de sua primeira publicação. Para as crianças, diversas possibilidades de apreender aquilo que poderia ser o “ser humano”; e, para os adultos, a lembrança para que não se deixe de lado o modo criança de ser. Llosa (2004) define a situação da literatura como atividade em nossa sociedade, que é sacrificada numa “seleção” no que concerne à importância e às prioridades:

A literatura é uma atividade prescindível, um entretenimento, seguramente elevado e útil para o cultivo da sensibilidade e das maneiras, um adorno que pode se permitir quem dispõe de muito tempo para a recreação, e que deveria ser afiliado entre os esportes, o cinema, ou o xadrez, porém que pode ser sacrificado sem escrúpulos na hora de estabelecer uma ordem de prioridades nos compromissos indispensáveis na luta pela vida (p.386).

A literatura tem, para além do prazer estético, uma dimensão formativa importante, através da compreensão e reflexões necessárias às nossas vidas, pois no momento em que embarcamos no mundo imaginário do romance esta realidade é “colocada de lado”, na medida em que o leitor percebe a multiplicidade de dimensões possíveis, naquela história vivida no livro.

Assim como a iniciação literária se dá na maioria das vezes através dos contos de fadas, é comum que ao chegar à fase adulta o leitor tenha preferência pelos romances. Para o êxito na leitura deste gênero a imaginação continua como primordialmente necessária. Ler romances é como enxergar mais além dos

problemas sociais e pessoais e, muitas vezes, buscar soluções para enfrentar os problemas que permeiam sua vida.

Alimentar o gosto pelo romance, cultivar o hábito de ler romances indica um desejo de escapar da lógica do mundo cartesiano monocêntrico, onde corpo e mente, lógica e imaginação estão em oposição. Um romance é uma estrutura única que nos permite ter pensamentos contraditórios sem constrangimentos e entender diferentes pontos de vista ao mesmo tempo (PAMUK, 2010 p.29).

Quando interagimos com os romances, há um misto de utopia e realidade, como se procurássemos compreender o que vivemos de acordo com o que acontece na história, nos colocamos no lugar dos personagens, torcemos ou não pelo final da história e, ao término da leitura, é como se uma parte de nós terminasse com o livro.

À medida que, lentamente, eu era atraído para o mundo existente dentro do romance, percebia que as sombras das ações que tinha realizado antes de abrir o livro, sentado em minha casa, o copo de água que eu havia tomado, a conversa que tivera com minha mãe, os pensamentos que me passaram pela cabeça, os pequenos ressentimentos que eu alimentara lentamente se esvaeciam. (idem, p.11)

Categoricamente, Pamuk na obra citada, diferencia dois tipos muito comuns de leitores: há o que não compreende e não enxerga as possibilidades contidas nos textos literários dificultando, segundo ele, a apreensão da alegria da leitura e o outro é o leitor totalmente envolvido com a leitura emotiva, mas que também torna-se mais comparativo do que reflexivo quando lê:

1. O leitor totalmente ingênuo, que sempre lê um texto como uma autobiografia ou como uma espécie de crônica disfarçada de experiência vivida, não importando quantas vezes você diga a ele que está lendo romance. 2.O leitor totalmente sentimental-reflexivo, que acha que todo texto é construído e ficção, não importando quantas vezes você diga a ele que está lendo sua mais franca autobiografia. Devo alertá-los para que mantenham distância dessas pessoas, pois elas são imunes às alegrias de ler romances (idem, p.45).

Desta mesma forma, Vargas Llosa (2004) considera os leitores que apenas procuram se importar com a veracidade dos romances como responsáveis pelo “julgamento” de bom ou ruim para com um livro. Sendo assim, o real sentido da

leitura se perde em meio a críticas que não trazem uma construção de compreensão de mundo, até porque a realidade se apresenta de forma distinta para cada leitor.

Se para algumas pessoas importa saber se os romances são verdadeiros ou falsos tanto quanto se são bons ou maus, muitos leitores, consciente ou inconscientemente, fazem depender o segundo do primeiro. Os inquisidores espanhóis, por exemplo, proibiram a publicação ou importação de romances nas colônias hispano-americanas, argumentando que esses livros disparatados e absurdos quer dizer, mentirosos poderiam ser prejudiciais para a saúde espiritual dos índios. Por esta razão, os hispano-americanos, durante trezentos anos, somente leram ficção de contrabando (LLOSA, 2004 p. 15)".

Além disso, o caso dos índios e colonos da América Ibérica, se aplicados à sociedade brasileira, revela uma face perversa de nossa colonização que foi a proibição da leitura de diversos gêneros literários pelo julgamento de que isto traria "malefícios à sua formação", ou melhor, ameaçaria a dominação de nossos colonizadores. Muito de nosso atraso enquanto país talvez pode ser explicado por essa lacuna que nos prejudica até hoje.

Com este exemplo do autor sobre os inquisidores espanhóis, fica claro o papel político da leitura, pois ao "fugir" do sentido real, a literatura traz novas possibilidades de construção do mundo aos leitores, tomemos como exemplo disto o primeiro documento literário brasileiro, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500) ao Rei Manuel I de Portugal, na qual o Brasil era descrito detalhadamente da forma que seu redator enxergava a realidade.

A estratégia utilizada pelos inquisidores faz-nos enxergar que através da leitura se compreende o mundo, quanto mais se lê, mais é possível conhecer outras realidades que sejam diferentes daquela em que se vive e, "perigosamente", questionar o porquê de certas situações que acontecem no cotidiano. No caso dos índios, não seria viável para os inquisidores que os mesmos questionassem ou criticassem sua própria realidade e os proibiram então, de ler romances.

Esta mesma faceta política da leitura foi percebida há séculos atrás, quando a Igreja proibiu terminantemente sob pena de morte, a leitura e propagação dos estudos de vários cientistas como Copérnico (1543) e Galileu (1642), com a desculpa de que suas obras ofendiam e insultavam veementemente os ensinamentos bíblicos no que concerne à visão de mundo que a Igreja defendia, tornando assim um crime e como punição muitos foram à fogueira da Inquisição.

Fazendo uma conexão com a alfabetização indígena, através do catecismo pelos jesuítas, em várias partes do mundo, é possível perceber que havia uma “segunda intenção”, na qual através desta alfabetização, utilizavam-se “livrinhos” simplificados e adequados à doutrina da Igreja. O catecismo era o principal recurso na tentativa de evangelização e conquista de novos membros para o catolicismo objetivando que os indígenas deixassem de acreditar em suas referências culturais e passassem a ver o mundo ao seu redor da maneira que a Igreja assim desejava.

Em face disto, aprender a ler também significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta (MARTINS, 2003, p. 34).

É mais do que claro o enorme poder de persuasão que uma simples leitura possui. Por isto, a necessidade de uma geração de leitores fundamentados e com poder de crítica que ultrapasse ideologias, capazes de selecionar e discernir o mundo de informações recebidas, fazendo com que se leia todo e qualquer livro, mas que se reflita sobre aquilo que se lê.

Embora possam parecer “extraordinárias”, histórias fictícias são escritas por pessoas que enxergam a realidade de diversas formas, podendo dar uma nova faceta àquilo que acontece em sua volta, não deixando mesmo assim de ser uma leitura prazerosa e que contribua na formação do leitor. É assim que Llosa (2004, p.21) explica a relação da ficção com a realidade: “A ficção é uma fabulação gratuita, uma prestidigitação sem transcendência. Mas é exatamente o contrário: por meio delirante que seja ela afunda suas raízes na experiência humana da qual se nutre e à qual se alimenta”.

É desnecessário o julgamento e seleção de gêneros literários como bons ou ruins, para Llosa (2004, p.15),

ao proibir não obras determinadas, mas um gênero literário abstrato, o Santo Ofício estabeleceu algo que, a seus olhos, era uma lei sem exceções: que os romances sempre mentem que todos oferecem uma visão falaciosa da vida.

As histórias que lemos podem ser consideradas como inverdades se levarmos em consideração que as mesmas foram criadas por alguém que tem sua própria opinião, suas lembranças e definições do que seria a vida, mas o que realmente precisamos ressaltar é que a leitura é mais do que isto, pois a partir do momento que deixamos de lado a parte imaginária, envolvente e nos preocupamos apenas com a propagação da realidade, a leitura deixa de ser este “universo” de saberes que é tão importante quanto à realidade.

Na leitura a realidade está presente e é isto que torna uma história contagiante, a forma como é retratada aquilo que chamamos de realidade e a abertura das possibilidades de novas formas de olhar e construir o que chamamos de realidade. “De fato, os romances mentem não podem fazer outra coisa, porém essa é só uma parte da história. A outra é que, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que somente pode expressar escondida, disfarçada do que não é (LLOSA, 2004 p.16)”.

Com as contribuições de Pamuk (2010) e Llosa (2004) pode-se perceber que estes autores têm pensamentos parecidos no que concerne à leitura de romances, para ambos ao lermos um romance embarcamos nas situações vividas pelos personagens, viajamos nas paisagens, sentimos as emoções e, querendo ou não, vivemos aquilo que muitas vezes não é possível numa situação real, tomamos partido da linguagem e da forma como o protagonista transcorre a história e o mais importante: levamos as lições daquele livro para nossa vida cotidiana.

Para Pamuk (2010), a leitura de romances faz com que confiemos nossas comparações, lembranças e sensações a uma história de forma que conseguimos contemplar seu interior como as paisagens, os perfumes e situações que nos levam a crer naquela verdade que é passada pelos protagonistas e faz-nos acreditar que tudo aquilo que foge do alcance do personagem principal é prejudicial e tomamos para nós a visão dele dos acontecimentos.

Ler um romance significa que, enquanto confiamos à memória e o contexto global, acompanhamos, um por um, os pensamentos e atos dos protagonistas e lhes atribuímos sentido dentro da paisagem geral. Agora estamos no interior da paisagem que pouco antes contemplávamos de fora: além de ver as montanhas mentalmente, sentimos o frescor do rio e o cheiro da floresta, falamos com os protagonistas e nos aprofundamos no universo do romance. Sua linguagem nos ajuda a reunir esses elementos distantes e distintos e

a perceber os rostos e pensamentos dos protagonistas como parte de visão única (PAMUK, 2010, p.15).

Para Llosa (2004), atribuímos sentido ao que estamos lendo de acordo com a perspectiva que o romance nos oferece, já que a vida real não nos permite viver e fazer o que acontece nos livros. Lemos e desejamos para nós o que se passa com o personagem, pois choramos em suas desgraças e nos apaixonamos em suas relações e quando há a “quebra” do real/imaginário ao término do romance, levamos conosco aquelas palavras e atitudes que “tínhamos” nos livros.

Os romances têm princípio e fim e, mesmo nos mais informes e espasmódicos, a vida adota um sentido que podemos perceber, já que eles nos oferecem uma perspectiva que a vida verdadeira, na qual estamos imersos, sempre nos nega. Essa ordem é a invenção, um acréscimo do romancista, o simulador que aparenta recriar a verdade a retifica. Às vezes sutil, às vezes de maneira brutal, a ficção trai a vida, encapsulando-a numa trama de palavras, que a reduz de escala e a coloca ao alcance do leitor. Este pode assim, julgá-la, entendê-la e, sobretudo, vivê-la com uma impunidade que a vida verdadeira não permite (p.19-20).

Para concluir a questão, vale salientar que qualquer gênero textual traz sua visão do real e para compreendermos isto é necessário refletir a forma de como se encontra em cada tipo de texto. Num relato jornalístico as informações se apresentam de forma pretensamente verídica e factual ao leitor, mas não deixam de lado a capacidade de aumentar alguns fatos e obscurecer outros, geralmente atendendo a interesses ideológicos e mercadológicos, e mesmo como forma de vencer a concorrência. Às vezes uma mesma notícia apresenta vertentes diferentes dependendo da fonte de divulgação, isto é uma forma de condicionar a imaginação.

Podemos nos perguntar, então, qual seria a diferença entre a ficção e uma reportagem jornalística. Llosa responde da seguinte maneira:

Trata-se de sistemas opostos de aproximação do real. Se o romance se rebela e transgride a vida, aqueles gêneros não podem deixar de serem seus servos. A noção de verdade ou mentira funciona de maneira distinta em cada caso. Para o jornalismo ou para a história a verdade depende de comparação entre o escrito e a realidade que o inspira (idem, p.20)”.

Além de nos encantarmos num conto e nos apaixonarmos ao lermos um romance, talvez se possa afirmar que o leitor torna-se mais resistente aos males da sociedade atual que se apresentam na forma do preconceito, da discriminação e das ideologias das classes dominantes.

Quem lê entra em contato consigo mesmo ao ampliar as possibilidades de visão e interpretação do real, na forma de suas escolhas, de opinar com fundamento sobre vários assuntos e possuir a capacidade de se encontrar neste mundo diverso em que vivemos. Leitores não fundamentados auxiliam na propagação de ideologias negativas para a vida em sociedade.

E nada a defender melhor o ser vivo contra a estupidez dos preconceituosos, do racismo, da xenofobia, das afirmações caipiras do sectarismo religioso ou político, ou dos nacionalismos excludentes, como essa nova comprovação incessante que sempre aparece na grande literatura: a igualdade essencial entre homens e mulheres de todas as geografias e a injustiça que é estabelecer, entre eles, formas de discriminação, sujeição ou exploração (Llosa, 2004, p.380).

Todos estes pensamentos envolvem de qualquer forma a ideia principal que *nutre* esta reflexão: a importância da leitura. Talvez ler não seja o grande remédio e a fórmula mágica que aniquile de vez todos os tipos de preconceitos, as ideologias culturais e religiosas, os diálogos sem fundamentos, a escrita cada vez mais pobre e tantas outras práticas que nos rodeiam, mas ler bons livros ainda é uma das práticas que mais contribuem ao leitor uma formação crítica embasada.

3. REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA

Do que depende a “boa leitura”? Justamente da relação entre leitor/livro, pois as motivações em ler são inúmeras, destacando-se: *a necessidade de alfabetização*, que muitas vezes é a relação inicial; *a obrigação*, encontrada na escola; *o divertimento ou o passar o tempo*, que até pode parecer uma boa característica, mas ao levar em conta os benefícios que auxilia na formação do leitor pouco traz fundamentação ao que se está lendo; e o *prazer*, que talvez hoje em dia seja a mais rara condição, na qual não se leva em conta o livro em si, as histórias vividas pelos personagens, bem como seus medos, emoções e alegrias e o leitor se vê como parte das situações vividas. É o que defende os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, p. 54):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

Com isto podemos observar que a capacidade e prática da leitura estão ligadas ao meio social onde a pessoa está inserida. Cada leitor estabelece uma relação entre aquilo que está lendo e o que se passa em sua vida, esta conexão depende de vários fatores que influenciam na experiência literária, explicando assim porque a leitura de um mesmo livro não é igual para pessoas diferentes.

É na escola que firmemente interagimos com os livros. Para despertar o gosto pela leitura desde a infância é primordial que o professor seja ele mesmo um enorme fã leitor. Parece simples, mas é daí que se dá o pontapé inicial a uma prática que pode ser levada por toda uma vida.

Em uma entrevista concedida à Revista Nova Escola em 2013, a pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Regina Zilberman afirma que não são necessárias muitas premissas para que o professor trabalhe com a leitura, apenas um aspecto primordial:

Parece óbvio o que vou dizer, mas a premissa é a de que o professor seja um leitor. Não apenas um indivíduo letrado, mas alguém que, com certa frequência, lê produtos como jornais, revistas, bulas de remédio, histórias em quadrinho, romances ou poesias. O professor precisa se reconhecer como leitor e gostar de se entender nessa

condição. Depois, seria interessante que ele transmitisse aos alunos esse gosto, verificando o que eles apreciam. (...) A terceira etapa depende de a escola, por meio da biblioteca, da ação do professor e do interesse dos alunos, disponibilizar livros para todos. Mas as publicações não podem ser produzidas pelos alunos. Caso contrário, impede-se o reconhecimento do livro como um produto industrial, com características específicas e dentro do qual existe a matéria para leitura. O aluno precisa reconhecer que essa matéria é oriunda de um terceiro, o autor, com o qual o leitor dialoga (Revista Impressão Pedagógica: Ed.45, 2010, p.13-14.).

A prática e o prazer da atividade da leitura literária antes de tudo são desenvolvidos pelo hábito compõem um processo constante que sendo estimulado desde cedo faz com que o leitor busque novos conhecimentos através dos textos escritos, ampliando suas possibilidades de “ler o mundo”, interpretar e resolver suas questões cotidianas e mais profundas.

Se pensarmos a escola como espaço de formação pública, quanto mais cedo possibilitarmos o contato com os livros, esta leitura tenderá a ser prazerosa e não obrigatória, ampliando a chance de formarmos adultos leitores, pensantes e críticos socialmente. Por isso, o foco deste estudo não é apenas o mero ato de ler textos literários como entretenimento, mas como ato formativo mais básico, o que nos leva a refletir sobre o processo de prática da leitura atual.

Ler não é apenas interpretar, pois muitas vezes a interpretação se restringe em determinar o conteúdo da mensagem, compreender seu objetivo e identificar o público direcionado. Além desta perspectiva, durante a leitura devem-se reconhecer as informações transmitidas, “sentir” as emoções de uma ironia, uma hesitação ou até mesmo omissão ou propagação de ideologia através do que se está lendo. Estas são características encontradas nos leitores fundamentados. É o tipo de leitura que Martins (2003) considera ser emocional:

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo (p.52).

É ainda na infância que se tem o primeiro contato com a literatura. Inicialmente, através da contação de histórias e da sequência de imagens. É neste período da vida que a compreensão de mundo está sendo formada com o auxílio da imaginação fértil. Segundo Zilberman, em suma, operando com a liberdade da linguagem, dando palavras a liberdade humana, a experiência da literatura proporciona uma forma singular, diferenciada de dar sentido ao mundo e a nós mesmos. É por isso que o contato com a literatura é tão fundamental ao desenvolvimento do ser humano (2009 p. 70).

Os atores principais neste estímulo inicial são os pais e/ou familiares, pois é através de suas vozes que a criança embarca na história através de sua imaginação e da forma de interpretar de quem está lendo. Mas, infelizmente, esta leitura de forma coletiva e familiar não é uma prática muito comum atualmente, o que restringe bastante o contato com os livros de contos de fadas, de aventuras, assim como as histórias cantadas e os quadrinhos.

Na fase inicial da alfabetização, há uma pressão psicológica por parte da família e da escola para o alcance do letramento na idade certa. É neste momento que criança percebe que necessita aprender a ler e enxerga o livro como um meio de alcançar este objetivo, fazendo mecanizada e obrigatória uma prática que deveria ser prazerosa. É assim que Martins (2003) define a leitura:

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o *dar sentido a um texto* implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor (p.33).

A leitura iniciada desde a Educação Infantil e desenvolvida nos anos iniciais do Ensino Fundamental almeja os princípios da criatividade, atratividade e estímulo à imaginação. Instigando nas crianças a importância, o prazer e a descoberta por meio deste universo de livros, a aprendizagem se tornará significativa.

Neste momento cabe trazer à tona a figura fundamental ao incentivo e propagação da leitura: o professor. Será que o professor atual lê? A resposta mais óbvia seria que sim. Durante o trabalho pedagógico realizado na escola são necessárias leituras para a formulação dos planejamentos específicos; durante as aulas são realizadas leituras coletivas; as situações cotidianas cobram que o

professor sempre esteja buscando novas questões - problema para sua prática; sem contar que é necessária a leitura reflexiva para a correção das produções dos alunos.

A partir de algumas “obrigações” do docente torna-se evidente que a leitura é o “alicerce” que sustenta todo o trabalho pedagógico. Sendo que o que realmente importa é compreender “o que se lê”. Partindo do início, bem lá nos anos que iniciam o Ensino Fundamental, a leitura não é enfocada como formadora e consiste apenas na mecanização repetitiva de palavras que formarão a alfabetização do aluno, objetivo principal da escola neste nível inicial do ensino. Este tipo de leitura é o que Martins (2003) conceitua como intelectual na qual há a predominância de uma obrigação.

A leitura a esse nível intelectual enfatiza, pois, o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência e anterioridade dos fenômenos intelectuais sobre os sentimentos e a vontade... Tal postura dirige a leitura de modo a se perceber no objeto lido apenas o que interessa ao sistema de ideias ao qual o leitor se liga (p.63-64).

Se na infância este início ao mundo dos livros não é estimulado, tampouco, acontecerá esta influência aos adolescentes que compõe os anos finais do Ensino Fundamental, muito menos, na mecanização e preparação do pré-universitário do Ensino Médio, onde o objetivo é o êxito nos vestibulares e no ENEM. Com isto, a desvalorização e rejeição à leitura são levadas à Universidade.

Quando a família não estimula, a única responsável é a escola que, muitas vezes a reprime, com suas práticas fazendo daquela leitura obrigatória uma atividade cansativa e até mesmo repressora, faltando condições de desenvolvimento do hábito prazeroso, imaginário e transformador que todo aquele que realmente é um leitor possui. Chegando à fase adulta, e optando pela docência, este hábito permeará seus alunos, caso contrário (na maioria das vezes), haverá uma reprodução desta “infelicidade” literária.

A escola, então, é quem recebe, na maioria das vezes, mais este papel e tendo que cumpri-lo incondicionalmente, mesmo com o modelo escolar fragmentado atual. Nele, a família fica distante, os coordenadores e diretores cobram e, no fim do processo, cabe ao professor pensar e realizar práticas que visem à leitura como a principal mediadora no que concerne ao ensino-aprendizagem.

Com isto, o interesse pela leitura diminui ao longo dos anos, o que é bastante preocupante e as consequências tornam-se evidentes, principalmente para

os docentes que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental começando o desenvolvimento cognitivo e social juntamente com a compreensão do “mundo” com o auxílio dos livros.

4. A LEITURA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A leitura e a escrita possuem um papel inquestionável para a vida em sociedade. Por isso, ao introduzir-se na vida escolar, a criança é cercada de expectativas em relação à sua alfabetização, fazendo com que o significado de leitura seja disperso. O objetivo é “juntar as sílabas e formar as palavras”, sendo mais importante antes de tudo que se desperte no leitor o que é a leitura.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994, p.5).

A formação do leitor no Brasil é um dos mais sérios problemas que temos em nossa educação. Esta afirmação é refletida na frustração dos resultados obtidos através das avaliações nacionais realizadas quando comparadas às metas estipuladas. O discurso do governo de que “Estamos avançando!” talvez já não convença nem os menos informados e muito menos os docentes que atuam nas salas de aula e se confrontam com a questão todos os dias.

Nem mesmo os programas educacionais vigentes nas escolas fazem com que os índices de leitura aumentem. Podemos citar o “Programa Nacional de Biblioteca na Escola” (PNBE), no qual há uma distribuição de livros literários de vários gêneros desde a Educação Infantil até o Ensino Médio; o Programa Mais Educação, que por meio da Escola em tempo Integral abrange diversas oficinas inclusive a de Letramento, que visa uma melhor prática da leitura, sem citar os Projetos produzidos provenientes de cada escola.

No entanto, é importante que tenhamos uma visão geral da prática literária no Brasil atualmente. Os índices educacionais estão abaixo do esperado, levando em conta a situação de desvalorização docente, o aumento da violência em sala de aula e o fato que, cada vez mais, as bibliotecas são esquecidas, mas não se pode concluir com a idéia de que o problema se isola no ambiente escolar.

Em um aspecto geral, a leitura é fundamental no processo de formação de qualquer pessoa. A escola possui uma prática diversa da mesma. Na infância, a idéia de leitura é vinculada à alfabetização e letramento; nos anos finais do ensino fundamental, a mesma é indispensável para o bom desempenho escolar; e no

ensino médio esta mesma leitura é utilizada para a aprovação em exames vestibulares e no ENEM.

Na Universidade, a parte teórica é bastante presente, mas o universitário brasileiro se detém nas leituras obrigatórias pelo curso, muitas vezes limitada à de capítulos de livros ou artigos na forma de apostilas fotocopiadas. Para uma maior compreensão disto, é importante tomarmos conhecimento de alguns dados que trazem à tona esse problema alarmante.

A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) realizou um estudo entre os anos de 2011 e 2012, a partir de entrevistas com estudantes universitários de diferentes cursos superiores em alguns estados brasileiros, no que concerne à leitura a média de livros lidos pelos alunos durante o ano é de um a quatro livros.

Não são relevantes na pesquisa as leituras essenciais do curso, mas a prática da leitura que se dedica às obras literárias ou até mesmo os livros de entretenimento que baixa atratividade têm entre os estudantes. Dentre os entrevistados, havia alunos de licenciaturas.

Ainda de acordo com a pesquisa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais (Andifes), os dados ainda mais alarmantes mostram que, por exemplo, a Universidade Federal do Maranhão lidera o ranking dos universitários que não leem nada, com 23,24% dos seus estudantes sem ler um livro sequer ao ano.

No entanto, em pleno século XXI, com todo o discurso e afirmação da importância da leitura é possível encontrar crianças, jovens e adultos que não gostam ou não compreendem que a leitura é uma prática social que traz inúmeros benefícios, mudando até mesmo um contexto social, vários fatores podem explicar esta situação, um deles é a timidez na qual a prática do acerto e erro expõe demasiadamente este aluno durante toda a vida escolar.

Na medida em que se trabalha a leitura na alfabetização do aluno, dependendo se esta experiência foi emocionante e encorajadora ou expositiva de forma negativa toda vez em que se solicitar ou até mesmo apenas falar em leitura esta conexão positiva ou não será feita e fará parte da vida do leitor em formação.

O ditado popular: “Quem não sabe ler, não sabe escrever” é o que mais se assemelha ao que acontece atualmente, o desprezo pela leitura e o apego às redes sociais fazem com que jovens cada vez mais cedo não busquem compreender

o que escrevem e na facilidade de se comunicarem criam “novas” palavras e abreviam as existentes, passando por cima das regras de ortografia e concordância.

No entanto, existia uma época que isto era diferente, pois os livros faziam parte da formação de uma pessoa durante toda sua vida. É o que nos relata Freire em uma de suas experiências como professor de língua portuguesa:

Algun tempo depois, como professor também de português, nos meus vinte anos vivi intensamente a importância ato de ler e de escrever, no fundo indicotomizáveis, com os alunos das primeiras séries do então chamado curso ginasial. A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tablets de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos a serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda (1982, p.11-12).

Que é imprescindível a importância de escolas bem estruturadas, de qualidade, com investimentos financeiros que realmente condizem com suas necessidades é evidente, mas o que se torna ainda mais importante do que estas necessidades é a leitura. Como dito anteriormente, a leitura escolar iniciada desde a educação infantil e levada durante toda a vida traz benefícios incontáveis na formação crítica e participativa do aluno.

Nesse sentido, a leitura universitária não poderia ser diferente, mas, como afirma Pereira (1983), o comportamento de ler é uma condição fundamental para o bom desempenho enquanto aluno, visto que qualquer disciplina na universidade conta com a leitura de textos como veículo de obtenção de informações necessárias ao seu desenvolvimento profissional. Esta afirmação torna-se mais evidente quando direcionada à formação de professores.

Os cursos universitários em geral têm por objetivo formar o profissional habilitado a desenvolver uma práxis-social baseada em uma formação agregada às disciplinas e os estágios que são obrigatórios ao longo da graduação. Assim como estes itens fundamentais, a leitura obrigatória dos textos acadêmicos faz apenas com que o aluno agregue o conhecimento exigido na disciplina e o êxito nas avaliações do curso.

Preocupante são os diversos índices negativos nas pesquisas realizadas sobre a leitura dos universitários, quando sabe-se que é dever da universidade propiciar meios de formação para que o estudante se baseie numa leitura crítico-reflexivo e compreenda aquilo que se está lendo independente de sua profissão futura e não apenas a técnica e/ou teoria.

A questão não é encontrar “culpados”, mas refletir como esta não preocupação da prática reflexiva da leitura influenciará o objeto de trabalho desses futuros profissionais. E se em seu campo de trabalho uma das principais funções seja despertar no outro este prazer e esta consciência literária reflexiva que a leitura traz? Por isso esta necessidade de abordagem área da educação onde a formação diversificada está presente e no profissional que formará os leitores de hoje e de amanhã: o pedagogo.

Inicialmente, abordaremos de forma geral a leitura universitária. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada em 2011, lançada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e realizada pelo Ibope é um dos principais artefatos que trazem como fonte de pesquisa estes dados importantíssimos no que concerne à leitura no Brasil. Zoara Faila, coordenadora desta pesquisa, em seu livro com o mesmo título diz o seguinte:

Lêem mais aqueles que pertencem às classes sociais privilegiadas. Mas, por outro lado, políticas públicas, como a distribuição gratuita de livros a escolas e o abastecimento de bibliotecas têm se mostrado insuficientes para incidir significativamente sobre os números dessas estatísticas. É sabido que a escola é centro de formação de leitores, com o respaldo do professor, de sua atuação e métodos de estímulo. Retrato da leitura no Brasil confirma que a mãe que lê para os filhos exerce influência fundamental no futuro leitor. É triste a constatação de que à medida que deixam de ser alunos, o índice de leitura diminui de maneira tão drástica.

Estas afirmações fazem parte de uma triste realidade literária, pois o Brasil não possui índices satisfatórios os quais mostrem que somos um país de leitores. Segundo a pesquisa estes resultados, ao contrário do que se pensa, vem diminuindo, comprometendo outras gerações. De acordo com os dados obtidos, temos no Brasil 88,2 milhões de leitores, ou seja, metade da população, mas 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores.

É complicado compreender este percurso de recusa aos livros enquanto continuarmos em um ciclo de “culpas” no qual os professores dos anos iniciais dirigem a responsabilidade de iniciação à leitura para a família, que por sua vez, “joga” este dever para a escola que sucessivamente nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio culpam os pedagogos e este aluno, perdido num ciclo não-literário, chega à universidade sem saber resumir, compreender as idéias principais, as palavras-chave e o mais importante que é refletir sobre aquilo que se lê.

O estudante universitário cada vez mais sai da academia com o mínimo de leitura adquirida ao longo do curso, isto porque a preocupação com o que deve ser lido obrigatoriamente faz com a visão propriamente dita da leitura e literatura se perca ou não se diferencie o que é preocupante.

Assim como a busca por formação profissional leva o estudante a se preparar para os exames por horas de estudos, inclusive fazendo leitura de livros que ajudem na compreensão dos estilos de época, por exemplo, ao chegar à universidade este “desejo” por um conhecimento multifacetado se perde em meio aos textos acadêmicos. Para que isto não aconteça, seria interessante que se conhecesse a bagagem literária deste estudante, bem como seus hábitos e preferências de estilos, afim de um melhor entrosamento entre professor-aluno e/ou conhecimento objetivando um entrosamento literário independentemente do curso superior em questão.

São diversos fatores que influem na prática da leitura do universitário brasileiro, dentre eles estão: a relação inicial com os livros, a alfabetização e a forma como ela aconteceu, a concepção de leitura por parte deste aluno e como ele enxerga seu papel na sociedade, assim como a situação sócio-econômica em que o mesmo está inserido.

No que diz respeito aos fatores mencionados, há um que se torna evidente. Witter (1999) afirma que o fator socioeconômico determina quase que totalmente na formação do sujeito leitor, pois um ambiente favorável e motivador o qual inclui deste o lugar, os pais e a escola, propiciam um bom desempenho em leitura. No que tange à Universidade, os lugares também são importantes, assim como uma boa biblioteca com uma variedade de livros relacionados tanto para os estudos acadêmicos quanto para a vida pessoal dos alunos.

Numa sociedade de várias classes sociais em que vivemos é notória a capacidade de se questionar o porquê de os mais favorecidos possuírem chances de acesso à uma melhor educação e ao cultivo dos livros e o conhecimento da importância da leitura fazer sentido apenas para alguns. Cunha (1998, p.48) faz uma demonstração de algumas situações que freqüentemente encontramos no nosso dia-dia.

É extremamente comum o adulto argumentar que lê pouco por falta de tempo, ou que só lê aquilo que tem ligação direta com sua profissão sendo constante a afirmação feita pelo adulto de que o cansaço impede qualquer leitura, ao fim de um dia de trabalho. (...) É cada vez mais frequente a utilização de jogos e outras atividades para fazer o aluno se interessar pela leitura de determinada obra literária. É por demais conhecida a reação dos adultos ao preço do livro em relação ao preço de um brinquedo ou produto supérfluo, isso revela o desprestígio do livro em relação a outros bens de consumo.

Os aspectos mencionados acima são condizentes com a realidade, pois atualmente é mais fácil pesquisar em um *site* de buscas alguma informação do que o fazer em um livro, o mesmo acontece em várias famílias quando uma criança ganha um aparelho tecnológico e o vê como uma realização, porque novamente é mais fácil para os pais darem de presente um celular do que um livro que ficará na estante porque nem eles mesmos possuem o hábito de ler.

Será que a Universidade como instituição formadora motiva, corrige e desempenha habilidades para com os estudantes a fim de estimular a leitura? Para isto seria necessária a realização de pesquisas que teriam como objetivo diagnosticar o processo de relação do aluno com a leitura durante sua vida escolar e/ou familiar. Isto é mais simples do que se imagina, pode-se até mesmo incorporar estes aspectos nas avaliações diagnósticas que são realizadas no início de cada disciplina onde o professor busca conhecer aquele aluno iniciante e o que ele já traz de conhecimentos prévios.

Toda pessoa possui uma “bagagem literária” e nela estão todos os livros e autores que fizeram parte de sua vida. Dependendo de como foram estas experiências, o prazer de ler estará presente por toda a vida, até mesmo ao chegar à fase adulta com todas as preocupações e atividades do cotidiano. É sabido que este prazer pela leitura além de continuar será passado adiante.

Contudo, poucos professores se preocupam com este diagnóstico literário antes mesmo de iniciar os conteúdos de sua disciplina e o que encontram pelo caminho não é nada agradável. Alunos chegam à aula sem nem mesmo ter feito a

leitura dos textos. A dificuldade de compreender a idéia principal do texto, a incapacidade de se posicionar criticamente e até mesmo não conseguir resumir e destacar os pontos principais e/ou idéias-chave de um texto que muitas vezes é o fragmento de um capítulo de uma obra fazem parte do dia-a-dia dos mais diversos cursos de graduação.

É sobre este histórico literário que Santos (1998), nos fala dos estudantes que ingressam na universidade trazendo como bagagem uma quantidade significativa de dificuldades tanto na linguagem em geral, como também aquelas relacionadas às práticas de leitura. Outros autores vão mais longe: muitos chegam à universidade sem compreender sequer um texto, tanto de ficção quanto de não ficção.

Esta realidade é mais preocupante quando encontrada nos cursos universitários que formam o professor, mais precisamente no curso de Pedagogia, a presença das dificuldades em interagir com a leitura, ou seja, muitos não conseguem compreender de forma significativa o conteúdo que leu. Além disso, alguns não conseguem buscar e selecionar as informações do texto; não apresentam uma atitude crítica e criativa em relação ao texto lido; outros não gostam de ler, seja livros da própria área que estuda, seja outro tipo de leituras, problemas estes citados anteriormente e que, se refletidos, podem ou são reproduzidos posteriormente.

Como dito anteriormente, para formar um aluno leitor desde seus primórdios, é necessário primeiramente que o professor seja um leitor, da mesma forma para realizar um trabalho sistematizado e coerente é necessário a formação e esta não acontece apenas nos cursos universitários com as disciplinas obrigatórias, mas no decorrer de todo o trabalho pedagógico, desde uma pesquisa com formato lúdico para aulas até os cursos de formação continuada.

A docência requer formação profissional para o seu exercício: conhecimentos específicos para exercê-lo adequadamente ou no mínimo a aquisição das habilidades e dos conhecimentos vinculados à atividade docente para melhorar sua qualidade (VEIGA, 2008, p.14).

É possível tornar um objetivo em realidade. Há escolas que não possuem bibliotecas e não se fala apenas das públicas, mas escolas privadas que não vão muito além de alguns recursos e o atendimento à públicos diferentes. É

direcionado ao professor a tarefa de verificar e construir com seus alunos meios de inserção literária, por exemplo com o desenvolvimento de uma biblioteca.

A forma como atua uma biblioteca popular, a constituição do seu acervo, as atividades que podem ser desenvolvidas no seu interior, e a partir dela, tudo isso, indiscutivelmente, tem que ver com técnicas, métodos, processos, previsões orçamentárias, pessoal auxiliar, mas, sobretudo, tudo isso tem que ver com certa política cultural (FREIRE, 1987, p. 21).

A importância da reflexão crítica das dificuldades enfrentadas não se restringe à forma de realização do trabalho literário, mas de todo o processo pedagógico que está ligado com *quem* e não *como* acontece o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Ser professor não é uma obrigação, mas uma opção que sendo refletida ou não atingirá mesmo intrinsecamente na formação de muitos. Além disto, a “bagagem literária do aluno” é o aspecto principal, no qual desde as primeiras aulas acontece uma troca de experiências de leituras que foram feitas, bem como a relação familiar ou escolar, dependendo de como cada um iniciou o contato com os livros, até mesmo as críticas feitas aos autores e às adaptações cinematográficas destas histórias.

Após este contato inicial, o aluno pode ser estimulado a produzir sequências didáticas, aulas criativas com a utilização de objetos como fantoches, bonecos e ilustrações, até mesmo a recitar poemas ou interpretar histórias. Estas atividades, além de contarem como meios de avaliação são formas de estimular a criatividade deste futuro profissional, de resgatar as emoções trazidas pelo livro e fazer com que se compreenda a importância de transmitir toda a criatividade emotiva que uma história traz. Com isto é fácil perceber que aulas incentivadoras, assim, são capazes de estimular até mesmo o adulto que ainda não possui a vontade de ler.

5. A LEITURA NO CURSO DE PEDAGOGIA: O CASO DOS ALUNOS CONCLUINTE DO PERÍODO NOTURNO DA UFPB

No que concerne à formação do pedagogo, o curso de Pedagogia da UFPB em seu ANEXO I da Resolução nº 64/2006 do CONSEPE, que aprova o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia, do Centro de Educação, do Campus I, da UFPB diz o seguinte sobre seu objetivo principal:

O Curso de Licenciatura em Pedagogia tem como objetivo à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, na Educação de Jovens e Adultos, e/ou na Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

A área de atuação do pedagogo é tão ampla quanto a diversidade de conhecimentos estruturados ao longo do curso para que este profissional da educação possua uma formação diversa e condizente com a realidade de sua prática. De acordo com esta mesma resolução, ao final do curso, o estudante egresso em Pedagogia estará apto a desenvolver as numerosas habilidades necessárias.

O Pedagogo ao final do curso estará apto à: aplicar modos de ensinar diferentes linguagens, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano, particularmente de crianças; identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras.

No que concerne aos diferentes comportamentos sócio-culturais, o Pedagogo também estará ciente ao demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, e de gêneros, assim como realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre seus alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não-escolares, sobre processos de ensinar e de

aprender em diferentes meios ambientais / ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre a organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas.

Com um perfil profissional tão bem estruturado, pode-se compreender como é de suma importância a formação literária do pedagogo ainda na graduação. Para desenvolver as habilidades acima citadas é necessária uma fundamentação teórica tanto prévia quanto continuada, pois diante das demandas sociais que permeiam as salas de aula, a posição docente dentre questões de gênero, políticas, sócio-culturais, religiosas e comportamentais a posição docente muitas vezes torna-se decisiva para uma quebra ou reprodução de ideologias.

Retornando ao ponto de partida, a Universidade é responsável pela formação e desenvolvimentos de habilidades que formarão o profissional futuro, no que concerne à pedagogia com esta formação multifacetada, pois o curso inicia com uma parte mais teórica na qual a visão inicial é geral e abrangente com disciplinas que trazem a compreensão de mundo e de homem, assim com a evolução educacional ao longo do tempo pelo mundo.

No entanto, apesar da diversidade de conhecimentos, o que é relevante no curso de pedagogia da UFPB são as poucas disciplinas que fazem menção à literatura e a prática do Pedagogo, isto não quer dizer que os outros componentes curriculares não trabalhem de forma interdisciplinar com a literatura, mas estas em específico intituladas *Língua e Literatura*, *Linguagem e Interação* e *Ensino de Português* por seguirem um mesmo eixo temático trazem a literatura e a forma de se trabalhar com as diversas linguagens em sala de aula.

Cada uma destas disciplinas possui o total de 60 horas-aula. Durante o período acadêmico é predispondo 4 horas-aula semanais para as turmas diurnas e 3 horas-aula para as noturnas, estas são as disciplinas do curso que interagem com o aluno através de livros paradidáticos literários, assim como poemas, poesias, lendas, cantigas de roda. As atividades previstas têm como objetivos pensar, planejar e desenvolver diversas formas de incorporar uma leitura criativa e emotiva em sala de aula.

Este é um claro exemplo da importância não só destes componentes na formação docente, mas a forma de como o professor irá conduzir a mesma, apesar de toda a proposta didática se as aulas não forem lecionadas por alguém que realmente “embarque” com sua turma não adiantará toda a ementa que propõe, fazendo com que seja mais uma disciplina no currículo.

Inicialmente, a disciplina propõe o contato direto com o livro, desde os direcionados a educação infantil com bastantes ilustrações, cores e rimas até os poemas da época do romantismo e diversos estilos de época, fazendo com que o aluno compare as características do período literário e a forma como o mesmo o compreende relacionando com o que se escreve hoje. Esta é a leitura *sensorial* conceituada assim por Martins, encontrada principalmente na infância e que sendo valorizada pode ser a iniciação ideal à apreciação literária.

Na criança, essa leitura através dos sentidos revela um prazer singular, relacionado com sua disponibilidade (maior que a do adulto) e curiosidade (mais espontaneamente expressa). O livro, esse objeto inerte, contendo estranhos sinais quem sabe imagens coloridas, atrai pelo formato e pela facilidade de manuseio; pela possibilidade de abri-lo, decifrar seu mistério e ele revelar através da combinação rítmica, sonora e visual dos sinais - uma história de encantamento, de imprevistos, de alegrias e apreensões (2003, p. 42- 43)

Diante desse quadro, pode-se analisar o perfil do aluno concluinte do curso de Pedagogia, visando verificar como se dá ao final do curso, a relação desses com a leitura de modo geral, mas, especialmente, dos livros literários.

Os sujeitos partícipes da pesquisa foram (trinta) alunos concluintes do 9º período do Curso de Pedagogia (no turno da noite) da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, localizado em João Pessoa-PB, no ano de 2015 aos quais foi aplicado um questionário proposto (material utilizado) de (sete) questões objetivas e (duas) abertas. O perfil destes estudantes consta de 90% sendo mulheres e 10% homens, com faixa etária entre 20 a 40 anos, 85% atuam na área educacional.

O questionário foi aplicado com 30 alunos do Curso de Pedagogia da UFPB, no mês de novembro de 2015. A aplicação foi realizada no período de aulas. Primeiramente, foi feito um breve esclarecimento aos alunos a respeito das perguntas contidas no questionário. Em seguida, após as explicações foi pedido que os mesmos respondessem ao questionário, ressaltando que os dados da pesquisa não exigiam identificação.

TABELA 1: APRECIÇÃO PELA LEITURA

A primeira pergunta condiz à apreciação pela leitura, onde foi perguntado aos alunos concluintes: *Você gosta de ler?* Os dados estão dispostos na tabela 1:

Sim / Um pouco	Não
80%	20%

Os dados acima revelam que 80% dos alunos dizem gostar de ler ou que gostam um pouco e outros 20% afirmam que não gostam. Sendo assim, a maioria revela que tem algum interesse pela leitura. No entanto é necessário que se compreenda como se dá este gosto e que leituras são feitas a fim de se chegar nesta conclusão. Assim como nos diz Martins (2003, p. 31), existem dois tipos de leituras:

As inúmeras concepções vigentes de *leitura*, à *grosso modo*, podem ser sintetizadas em duas caracterizações: 1) como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana); 2) como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Não é qualquer leitura que traz embasamento teórico e que contribui para o desenvolvimento crítico do leitor, o que importa é saber se aquele tipo de leitura como um artigo sobre maquiagem, uma notícia, um texto acadêmico ou um romance traz algum significado.

A leitura se apresenta inicialmente como uma decodificação de códigos linguísticos e em seguida como um processo abrangente que envolve os sentidos, ou seja, é a junção entre estes dois aspectos primordiais que se referem a leitura que formarão o verdadeiro leitor. O mero ato de ler e de ser alfabetizado não implica dizer que a pessoa interpreta e relaciona a leitura com a vida.

Vista a necessidade de se refletir como aconteceu o início deste aluno à leitura foi perguntado: *Como se deu sua introdução aos livros?* Os dados estão dispostos na tabela 2:

TABELA 2: INTRODUÇÃO À LEITURA*Como se deu sua introdução aos livros?*

Influência escolar	Influência familiar	Iniciativa Própria
60%	33%	13%

O modo de introdução a leitura indica que 60% destes alunos tiveram os primeiros contatos com os livros na escola, seguidos por outros 33% que apontam a família como a principal motivadora, e por último a *Iniciativa Própria* que aparece com 13%.

No que condiz ao estímulo pela leitura, a realidade é bem desmotivadora: a falta do hábito de ler por parte dos pais faz com que esta prática se reproduza aos filhos que muitas vezes iniciam sozinhos aos livros ou por influências de não-familiares (amigos, igreja, vizinhos). Segundo ZILBERMAN (1988, p. 56):

O processo de formação do leitor está vinculado num primeiro momento à característica física (dimensões materiais) e sociais (interação humana) do contexto familiar, isto é, presença de livros, de leitores e situações de leitura que configura um quadro específico de estímulo sócio cultural.

Ainda sobre quais intenções os alunos dedicavam-se à leitura e obtivemos as seguintes respostas:

TABELA 3: A LEITURA E SUA INTENCIONALIDADE*Você lê com a intenção de:*

Para realizar atividades acadêmicas	Obrigatoriedade	Para uso profissional	Informação	Prazer	Entretenimento
63%	13%	4%	10%	10%	0%

A maioria, totalizada em 63%, respondeu que utiliza da leitura para realizar atividades acadêmicas, 13% como forma obrigatória, 10% para obter informação, 10% lê por prazer e outros 4% lêem para uso profissional.

Apesar dos poucos dados encontrados, pode-se afirmar que os alunos partícipes pouco enxergam a leitura como fonte de informação, formação intelectual,

crescimento pessoal e até mesmo entretenimento. Tourinho (2012) nos diz que inquietações relativas ao tema advêm da crença de que um bom leitor pode criar melhores condições para a diversificação e ampliação das informações que são veiculadas a ele. Saber ler é uma exigência das sociedades modernas.

Há, porém, uma importante diferença entre *saber ler* e *praticar efetivamente a leitura*: se aquela é uma necessidade pragmática e permite a realização individual de atividades básicas, como executar tarefas cotidianas, a esta é um importante instrumento para o exercício da cidadania e para a inclusão social do indivíduo.

Através destes dados é possível se refletir que o universitário se restringe a leitura como parte obrigatória e necessária a cumprir os requisitos das disciplinas cursadas, como apostilas utilizadas, capítulos de livros recomendados e/ou preparação para atividades avaliativas como provas e seminários. TOURINHO (2012) afirma que os universitários demonstram um desinteresse preocupante frente aos textos indicados para análise e discussão em conjunto, frequentando as aulas sem apresentarem uma leitura prévia dos assuntos a serem debatidos.

Muito embora seja importante considerar as condições que este aluno predispõe, pois todos os participantes estudam no período noturno e trabalham durante o dia, seja na área da educação ou não; sabe-se que todos estes fatores interferem, pois a concepção de leitura é construída desde os momentos iniciais de contato com livros e vai depender da forma de como se deu este início. Como visto acima, a maioria dos entrevistados teve este contato inicial com os livros pela escola que, por sua vez, nem sempre é satisfatória nesta perspectiva.

TABELA 4: PREFERÊNCIA DE GÊNEROS LITERÁRIOS

Que gênero literário você prefere?

Textos da área educacional	Informação/ Religiosos	Romances	Auto-ajuda	Ficção	Outros
40%	26%	15%	13%	8%	6%

Como podemos verificar, a resposta mais selecionada foi *Textos da área educacional* com 40%; Romances tiveram 15%; *Informação e Religiosos* com 26%; *Auto-ajuda* 13%; *Ficção* 8%; e *Outros* somaram 6%. Em suma, podemos destacar a importância do meio onde se está inserido na influência sobre como nos

comportamos. O que o curso de Pedagogia oferece a seus alunos? Uma diversidade teórica relacionadas à área educacional. A Escola assim como a Universidade disponibiliza ao aluno o que é importante ser lido e o que não é, sendo que esta predisposição possui objetivos e metodologias que são necessárias ao cumprimento dos planejamentos anuais e Ementas que regem as disciplinas, pode-se afirmar que estas leituras não são prazerosas por este motivo. Martins (2003) nos fala sobre o papel dos livros didáticos e sua objetividade:

A justificativa maior dos organizadores dos livros didáticos, entretanto, se reveste de espírito “científico”: a necessidade de viabilizar o desenvolvimento de capacidades específicas, de simplificar assuntos demasiado complexos. Quanto aos educadores, muitos consideram tais livros um “mal necessário” diante de evidentes problemas de caráter econômico, deficiência na formação de professores, na própria estrutura do ensino brasileiro (p.26)

A maioria destes estudantes faz a leitura obrigatória de que se compõe as disciplinas no curso e não lêem por prazer, pois a leitura que possui um fim pré-determinado é diferente daquela espontânea que é encontrada em qualquer gênero literário.

A leitura de informação encontrada nos jornais, nas revistas ou os *sites* informativos trazem notícias da região e do mundo esta não teve preferência de intencionalidade. Isto é preocupante, mas não é algo que surpreenda, pois os meios tecnológicos e o acesso fácil a eles continuam sendo a forma mais prática de saber o que acontece em nossa volta. A televisão e a internet desempenham cada vez mais o papel que antes era representado pela leitura.

TABELA 5: LEITURA MAIS FREQUENTE NA PEDAGOGIA

Em sua opinião, qual o tipo de leitura mais realizada no curso de Pedagogia?

Capítulos de livros	Resenhas e artigos	Revistas educacionais	Textos da autoria do docente que ministra a disciplina	Outros	Livros completos
60%	23%	7%	7%	3%	0%

No que concerne ao tipo de leitura mais frequente no curso de Pedagogia, 60% dos alunos indicaram que são *Capítulos de livros*, em seguida Resenhas e artigos com 23%, com a mesma porcentagem aparecem *Textos da autoria do docente que ministra a disciplina* e *Revistas educacionais*, ambas alternativas com 7% de indicação dos alunos nesta pesquisa, *Outros* somam 3%.

Estes dados vêm a ressaltar que o tipo de leitura realizada na Pedagogia apresenta-se de forma fragmentada, sabe-se que a carga horária é bastante restrita e muitas vezes não há tempo de se estudar as principais obras de autores nas quais as disciplinas são baseadas e a solução apontada pelos professores é ministrar aulas com base em capítulos de várias obras ao mesmo tempo. Esta tentativa de diversificar a bibliografia em parte muitas vezes torna-se confusa e traz uma fragmentação da leitura na formação do aluno.

Como visto nos dados acima, os *Livros completos* aparecem com 0% de indicação pelos estudantes, ou seja, a leitura de obras completas (nem que sejam uma ou duas durante todo o período) não está presente no curso. Desde a infância o acesso à leitura apresenta-se de forma fragmentada, inicialmente com os livros didáticos durante toda a vida escolar e ao chegar à Universidade as dificuldades de posicionamento e interpretação diante de textos diversos começam a se tornar frustrantes, porque a preparação literária não aconteceu e agora será cobrada.

TABELA 6: TEMPO DEDICADO A LEITURA

Como a pesquisa se direciona aos alunos do período noturno, foi necessário saber qual o tempo os mesmos dedicavam aos livros de sua preferência.

Com que frequência você lê livros de sua preferência?

Nas horas livres	Não possuo tempo para ler	Todos os dias	Nos fins de Semana	Três vezes por semana
40%	34%	13%	13%	0%

A maioria dos alunos respondeu que dedica os fins de semana para ler livros de sua preferência, sendo que os dados nos mostram de certa maneira que esta leitura feita em casa acontece de forma fragmentada, pois anteriormente os mesmos responderam que os textos da área educacional são os mais lidos dentre os mais variados gêneros textuais. Além disto, seria interessante

investigar com mais profundidade o que seriam as preferências ditas pelos entrevistados.

TABELA 7: O CURSO DE PEDAGOGIA E A LEITURA

Por que são realizadas leituras no curso de pedagogia?

Para a fundamentação teórica - prática do pedagogo.	47%
Para a discussão dos textos em sala de aula.	23%
Para realização de atividades avaliativas como seminários e provas.	20%
Para a realização de trabalhos como resenhas e fichamentos.	10%

No que concerne ao objetivo principal da prática da leitura no curso de Pedagogia, a maioria (47%) dos alunos compreende que a mesma é necessária *Para a fundamentação teórica - prática do pedagogo*, em seguida: *Para realização de atividades avaliativas como seminários e provas* 20%, *Para a discussão dos textos em sala de aula* 23%, outros 10% afirmam que seja *Para a realização de trabalhos como resenhas e fichamentos*. Freire (2006, apud Tourinho 2012, pg. 14) apresenta um enfoque interessante:

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. [...] Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade. [...] Estudar exige disciplina [...] é criar e recriar e não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário.

TABELA 8: A FORMAÇÃO LITERÁRIA NA UNIVERSIDADE

Foi perguntado se a Universidade forma o Pedagogo num aspecto literário afim de propagação da leitura em sua prática pedagógica na escola.

Em opinião, a Universidade forma o pedagogo num aspecto literário afim de propagação da leitura em sua prática pedagógica na escola? Os dados estão dispostos na tabela 8:

SIM	NÃO
54%	46%

Neste aspecto, (54%) dos estudantes responderam afirmativamente que a Universidade forma o pedagogo em um aspecto literário afim de um trabalho significativo com a leitura em seu campo de trabalho: a Escola. O mais interessante é que ao analisar todas as questões anteriores compreende-se que esta leitura feita durante as aulas não são tão literárias assim.

Nesta questão, além da parte objetiva foi necessária uma justificativa para tal, de forma afirmativa destacamos as seguintes respostas:

“Sabemos que a carga horária é restrita, porém os docentes nos orientam a fim de que possamos dar continuidade na busca de aprimorar a nossa leitura” (E1).

“Acredito que sim, pois um dos objetivos do curso é formar o pedagogo para o trabalho pedagógico na escola, que inclui a leitura” (E2).

De forma negativa, os estudantes abaixo assim justificam sua resposta:

“Porque a leitura da universidade não é literária e sim científica (E3).”

“Na maioria das disciplinas, a leitura serve para suprir uma necessidade momentânea, não formam leitores contextualizados (E4).”

Quando se perguntou sobre o tipo de leitura mais realizada no curso, unanimemente a maioria dos alunos afirmou que são capítulos de livros, ou seja, há uma grande fragmentação de conhecimento. A intenção aqui seria compreender se os livros e textos literários faziam parte do cotidiano das disciplinas estudadas, pois ao chegar à escola haverá a cobrança deste trabalho literário ao professor mesmo que este não tenha sido preparado para tal tarefa. Martins (2003) nos fala sobre a leitura e romances e seu papel na desmistificação de outros gêneros literários e como a leitura abre novas compreensões de conhecimento.

Quem leu um único romance, por exemplo, pode ter opinião definida, senão definitiva, sobre literatura de ficção. Para quem leu inúmeros, as coisas se tornam mais complexas, os parâmetros diversificam-se. Não vai a nenhum juízo de valor para um ou outro tipo de leitura, leitor ou texto. Quero, com esse exemplo, apenas observar que, ao se ampliarem as fronteiras do conhecimento, as exigências, necessidades e interesses também aumentam; que, uma vez encetada a trajetória de leitor a nível racional, as possibilidades de leitura de qualquer texto, antes de serem cada vez menores, pelo

contrário, multiplicam-se. Principalmente porque nosso dialogo com objeto lido se nutre de inúmeras experiências de leitura anteriores, enquanto lança desafios e promessas para outras tantas (p.72).

TABELA 8

DISCIPLINAS QUE AUXILIAM A INTERAÇÃO COM A LEITURA

Em sua opinião, qual ou quais disciplinas do curso auxiliam o trabalho com a leitura literária?

As disciplinas mencionadas pelos participantes foram às seguintes:

Língua e Literatura	43%
Linguagem e Interação	17%
Ensino de Português	23%
Todas	11%
Didática	3%
Ensino de Arte	3%

Para sintetizar melhor a compreensão do currículo do curso de Pedagogia e a leitura literária foi perguntado aos alunos em forma de questão aberta sobre quais as disciplinas (na opinião dos participantes) favorecem a interação com a literatura, e as indicadas foram as seguintes: *Língua e Literatura* 43%, *Ensino de Português* 23%, *Linguagem e Interação* 17%, *Todas* 11%, *Didática* 3%, *Ensino de Arte* 3%.

Nesta questão, os alunos poderiam indicar uma ou mais disciplinas que em sua opinião ao longo do curso enfocassem a leitura. Ao justificar a escolha pelas disciplinas mais indicadas: Língua e Literatura com 43%, Ensino de Português 23%, Linguagem e Interação 17%, alguns estudantes escreveram o seguinte:

“Os livros indicados e os textos nos dão suporte para buscarmos a interação e o conhecimento sobre os livros de literatura (E5)”.

“O manuseio real de livros paradidáticos, sequências didáticas elaboradas com base em livros literários (E6)”.

“Porque foi trabalhado livros literários em sala de aula e indicado algumas referências (E7)”.

No que concerne à leitura, a disciplina que mais favorece esta interação literária no curso de Pedagogia é *Língua e Literatura*, componente curricular

obrigatório que visa oferecer ao aluno uma interação intertextual e emocional através dos livros e não apenas estratégias de trabalhar a leitura na escola.

O papel do docente que ministra esta disciplina também é de suma importância, vários alunos citaram a forma que lhes foi concedida as atividades que permearam a disciplina, onde professor e aluno partilham juntos a admiração literária, as seguintes respostas confirmam isto:

“A professora (...) motivou bastante os alunos à importância da leitura, mostrando-se uma apaixonada pela leitura... a sua paixão e a forma de lidar com os livros e a leitura nos marcou (E8)”.

“Eu amei a disciplina Língua e Literatura, pois a professora (...) nos levou de volta à infância e ao mesmo tempo de volta à vida adulta. Lemos clássicos infantis, poemas e poesias assim como partilhamos nossas experiências com a leitura (E9)”.

Os dados aqui apontados nos mostram que há uma deficiência em relação à leitura dos alunos concluintes do turno da noite no curso de Pedagogia da instituição em questão. Mesmo levando em consideração a falta de tempo, as dificuldades já trazidas da escola, a não-influência familiar entre outros aspectos apontados fica claro que a leitura realizada não é crítica e é feita porque há um propósito e/ou obrigação. Isso reforça a afirmação de TOURINHO (2012, pg. 341)

O próprio desenvolvimento pedagógico de muitas Instituições de Ensino Superior contribui para o aumento do abismo entre o aluno e a leitura. É raro o fomento ao debate de textos diversos e de obras inteiras, enquanto chovem as fotocópias de capítulos de livros e trechos retirados da internet, descontextualizados e “mastigados” pelos professores.

Vários aspectos foram encontrados como “culpados” por este não interesse literário, o mais importante deles é a Universidade como Instituição formadora de profissionais, neste caso o Pedagogo, disponibilizar um currículo bem fundamentado, mas que não faz da leitura um suporte interdisciplinar e completo. O aluno lê durante a graduação textos que trazem o mais diverso possível de

conhecimento, mas, muitas vezes, que não fazem relação com a vida ou têm prazer ao realizar esta atividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões apresentadas neste estudo pode-se compreender que a prática literária ainda está longe do ideal, pois a iniciação aos livros se dá de forma fragmentada na qual a família não estimula e a escola o faz da maneira que mais achar relevante onde neste meio está o aluno que precisa aprender a ler até uma determinada idade e ao alcançar a alfabetização não compreende o que está lendo.

Durante toda a vida escolar o aluno obtém uma prática fragmentada da leitura, na qual muitas vezes as referências que lhe são dadas se apresentam como livros didáticos com um começo, meio e fim, diferentemente dos livros literários que trazem a pluralidade de idéias e interpretações fazendo a leitura ser emotiva e crítica. Com isto é cobrado a este mesmo aluno (que ao torna-se universitário) a capacidade de se posicionar, de identificar o contexto e as idéias centrais dos textos acadêmicos que, por sua vez, também se apresentam fragmentados fazendo esta leitura ser realizada para cumprimento de um fim específico ou realização de uma atividade.

A bagagem literária pessoal chega à Universidade e lá é colocada à prova. Por isto, faz-se necessária a reflexão e entendimento da mesma por parte do professor universitário, não para que se corrijam erros provenientes de outros níveis de ensino, mas como uma forma de ao menos amenizar as dificuldades já trazidas pra a Academia. A história de vida de cada pessoa que é composta direta e indiretamente pela influência familiar, escolar e social, mostrando-se claramente fundamentais não apenas na prática literária, mas na concepção de leitura ao longo deste estudo.

Os dados da pesquisa revelaram que, em sua maioria os estudantes partícipes afirmam gostar de ler (40%), e alguns (40%) praticam a leitura nas horas livres. No entanto, outros (63%) se dizem praticar a leitura para realizar atividades acadêmicas e apenas (10%) lêem por prazer. A leitura na Universidade é de suma importância para o desenvolvimento pessoal, para a formação profissional que visa à práxis-social e a realização das atividades que serão cobradas na profissão futura. São necessárias também outras leituras e que não se restrinja toda e qualquer atividade relacionada ao hábito de ler como o cumprimento de uma obrigação.

Mesmo que estes alunos não sejam considerados “bons leitores”, não se pode culpá-los unicamente. Como foi visto ao longo deste estudo, várias influências contribuem para a apreciação pela leitura. Um ponto que merece ser destacado é a influência escolar como principal incentivadora literária, onde (60%) dos participantes afirmaram que foi na escola onde tiveram seu primeiro contato com os livros, justamente na infância. Está aí a importância do pedagogo neste contato inicial, pois a motivação leva o despertar da imaginação. É necessária a transmissão de emoções ao ler um livro ou um simples poema, o aluno se identifica e propaga esta mesma emoção, da mesma forma ele reproduzirá se a leitura for apenas mecânica.

Enfim, esta pesquisa classifica como insuficiente a prática literária realizada por estes futuros profissionais da educação, além disto, tornou-se evidente que o problema é maior do que se imaginava, pois a precariedade com o apreço pelos livros permeia toda a vida do aluno e o mesmo chega à Universidade em um curso de formação de professores e se depara com a fragmentação de leituras que realizam apenas para cumprir os requisitos das disciplinas.

A atividade docente exige o trabalho com a leitura e a busca no apreço e incentivo da mesma. Para formar um aluno leitor é necessário que o professor também o seja, isto se tornou evidente, mas o que acontece na maioria das vezes é o contrário, por isto foi de suma importância refletir todos os fatores mencionados juntamente com o papel que a Universidade desempenha.

Talvez a intolerância e o preconceito, que insistem em persistir e ser reproduzidos e fortemente defendidos poderia ao menos diminuir se a leitura fizesse parte desta busca de compreensão do mundo em que vivemos. Quando se é confrontado com um costume ou uma cultura que é diferente, a reação de imediato é a crítica negativa precedida do preconceito que é uma pré-definição de algo que não se conhece ou não procura conhecer (na maioria das vezes) e após este preconceito inicial acontece a intolerância seja ela qual for.

7. REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, v. 2, 1997. BRASIL.** Ministério da Educação e do Desporto. PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, v. 2, 1997.

CHARÃO, Cristina. **Quem será professor.** Disponível em <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/205/quem-sera-professornovo-perfil-de-alunos-que-ingressam-nos-cursos-311357-1.asp> Acesso em junho de 2015.

Dados de pesquisa: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/08/13/universitarios-do-pais-leem-de-1-a-4-livros-por-ano.jhtm> Acesso em dezembro de 2014.

EXPOENTE: **Impressão Pedagógica:** Ed.45, 2010, p.13-14.

<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/77/artigo232741-1.asp> > Acesso em dezembro de 2014.

<http://www.fnde.gov.br> > Acesso em fevereiro de 2015.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. 48ª edição / 49ª reimpressão.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.**Porto Alegre: Artmed,1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LLOSA, Mário Vargas. **A verdade das mentiras.** Arx, 2004.

KUENZER, Acacia Zeneida; CALDAS, Andrea. **A intensificação do trabalho docente**. São Paulo. Papyrus, 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MEIRELES, Cecília, (1984). **Problemas da literatura infantil** – 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PAMUK, Orhan. **O romancista ingênuo e o sentimental**. Editora Companhia das Letras, 2010.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores: formação e profissionalização**. São Paulo, Junqueira & Marin, 2005.

PINTO, Célio J. de A; ALVARENGA, Márcio A. P. de; KOCK, Raquel A. A. **Hábitos de leitura e compreensão de textos entre universitários**.

SANTOS, A.A.A. **Leitura entre Universitários**: diagnóstico e Remediação. Tese de Doutorado, USP – Instituto de Psicologia, São Paulo, 1998.

SILVA, Elza Maria T. **Leitura e escrita na universidade**. In: WITTER, Geraldina (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

TOURINHO, Cleber. **Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior**: “deficiência” ou simples falta de hábito? Revista Lugares de Educação, v. 1, n. 2, p. 325-346, 2012.

VEIGA, Ilma P; DAVILA, Cristina; **Profissão Docente**: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP, Papyrus, 2008, p.13-21.

WITTER, Geraldina (Org.). **Leitura**: textos e pesquisas. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola.** São Paulo : Global, 1985.

_____. **A leitura e o ensino de literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.

8. ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

MARIA DILMA SANTOS DE PONTES

ORIENTADOR: Prof. Dr. Roberto Rondon

“A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO”

OBS.: As informações contidas neste questionário visam a reflexão prática a fim de reforçar a teoria defendida. Nenhuma informação pessoal é necessária tornando assim os participantes da pesquisa como meros colaboradores.

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____

1. Você gosta de ler?
() sim () não () um pouco

2. Como se deu sua introdução aos livros?

() Influência familiar () Influência escolar ()
Outros _____

3. Você lê com a intenção de:

() Entretenimento () Obrigatoriedade () Para realizar atividades acadêmicas () Para uso profissional () Informação () Prazer

4. Que gênero literário você prefere?

() Romances () ficção () Auto-ajuda () Textos da área educacional () Religiosos () Outros _____

5. Na sua opinião, qual o tipo de leitura mais realizada no curso de pedagogia?

() Livros completos () Capítulos de livros () Resenhas e artigos

() Revistas educacionais () Textos de autoria do docente que ministra a disciplina

Outros: _____

6. Por que são realizadas leituras no curso de pedagogia?

Para a fundamentação teórica-prática do pedagogo. ()

Para realização de atividades avaliativas como seminários e provas. ()

Para a discussão dos textos em sala de aula. ()

Para a realização de trabalhos como resenhas e fichamentos . ()

7. Com que frequência você lê livros de sua preferência?

() Todos os dias () Três vezes por semana () Na horas livres () Nos fins de Semana () Não possuo tempo para ler

8. Na sua opinião, a universidade forma o pedagogo num aspecto literário afim de propagação da leitura em sua prática pedagógica na escola?

Sim () Não ()

Justifique

9. Qual ou quais disciplinas do curso ajudam ao aluno interagir com os livros literários?

Justifique.

Obrigada pela contribuição.